

As pesquisas em história oral: o percurso metodológico de uma trajetória acadêmica

Maria de Lourdes L. Macedo¹, Jocyleia Santana dos Santos²

¹(Universidade Federal do Tocantins, Brasil)

²(Universidade Federal do Tocantins)

RESUMO

Este artigo busca discorrer sobre a importância da história oral para as pesquisas acadêmicas em todas as áreas. Traça-se a trajetória iniciada na disciplina História, Memória e Educação do Mestrado Acadêmico em Educação. Em seguida, enumera-se alguns teóricos da História Oral mostrando os procedimentos metodológicos para a utilização dela. Tais como: projeto de pesquisa, pesquisa bibliográfica, entrevista com roteiro semiestruturado, caderno de registro, termo de consentimento livre e esclarecido e termo de aprovação de transcrição da entrevista. Relata-se pesquisas realizadas ao longo de dois anos do Curso e por fim menciona-se as principais publicações realizadas sobre a temática. Conclui-se mostrando como os Conselhos de Ética precisam compreender a diferença do trabalho de pesquisa em Ciências da Saúde com a pesquisa em Ciências Humanas, especificamente em História Oral (HO). A HO é um campo de resistência para aqueles que não tem medo de dar nomes, contar fatos históricos vivenciados. Para discentes e docentes é resistir contra aqueles que querem calar a voz dos que lutam por uma educação igualitária, pública e gratuita. Que desejam uma história crítica para todos os cidadãos brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral. Pesquisas. Procedimentos metodológicos. Entrevistas.

Date of Submission: 05-01-2023

Date of Acceptance: 19-01-2023

I. INTRODUÇÃO

A vida e o simbólico fundem-se, sem confundir-se, para constituir a vida humana” (PINO, 2018 p.232).

Início esse relato de experiência abordando a vida humana, a minha especificamente. Como tenho mais de meio século, tenho vivências. Sou mulher, professora, filha, mãe, avó e trabalhadora da educação, oriunda de família de baixa renda, ou seja, sou, genuinamente, negra, índia e branca, sou brasileira e residente na região amazônica. Enquanto estudante, fiz graduação, mestrado e estou caminhando para as pesquisas do doutorado em educação da Amazônia.

¹ Graduada em História (UEM). Mestre em Educação (UFT). Doutoranda em Educação pelo EDUCANORTE (UFT). Professora da Rede Estadual de Ensino do Tocantins. Membro do Grupo de Estudo: História, Historiografia, Fontes de pesquisa em Educação (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5911808734574093>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2352-0116>. E-mail: malutocantins@gmail.com

² Pós-doutora em Educação (UEPA). Doutorado e Mestrado em História (UFPE). Coordenadora do Polo/Palmas do Doutorado em Educação na Amazônia-Rede Educante/PGDEA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8198025782417839>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2335-121X>. E-mail: jocyleiasantana@gmail.com

Enquanto ser dotado de capacidades e estudante, deparei-me com a História Oral (HO). No começo achei intrigante, depois, com as colocações da pesquisadora em HO, Dra. Jocyleia Santana dos Santos³ e o uso da História Oral na prática, esta foi tornando-se envolvente e apaixonante. É importante inferir que o aprendizado sobre a HO depende da sua utilização na prática de pesquisa e, também, na metodologia de ensino, outra possibilidade da HO que não será tratada nessa pesquisa.

A História Oral, enquanto método e metodologia, é de um aprendizado constante e, para reforçar esse aprendizado, destaco os objetivos deste artigo: discorrer sobre a importância da história oral para as pesquisas acadêmicas em todas as áreas. Este, será respondido por meio de pesquisa qualitativa, de revisão bibliográfica e

análise documental, no percurso de minha embrionária jornada pesquisadora.

Deliberei por este objeto, criticado por uns, amado por outros: História Oral, sendo ela um campo vasto de experiências, servirá para pesquisadores que utilizam da História Oral, seja a Tradição Oral, de Vida ou Temática (BOM MEIHY, 1996).

II. DIALOGANDO COM A HISTÓRIA ORAL

Segundo Charlot (2000, p.78), “a relação com o saber é a relação de um sujeito com o mundo, com ele e com os outros”. Inscrevo-me nessa perspectiva do aprender e, ao ingressar no mestrado acadêmico em educação, cursei a disciplina de História, Memória e Educação (HME). Inicialmente, no referido curso, passei a fazer a seguinte interlocução comum aos acadêmicos: a História Oral (HO) é método ou metodologia?

Paul Thompson (2006, p.20), pioneiro da História Oral na Grã-Bretanha e autor de inúmeros trabalhos na temática da HO, ao ser questionado sobre a definição da História Oral, afirma, categoricamente, que “é uma abordagem ampla, é uma interpretação da história e das sociedades e culturas em processo de transformação, por intermédio da escuta às pessoas e dos registros das histórias de suas vidas”. O historiador destaca: HO é aprender a escutar com respeito, empatia, ouvidos e coração as histórias das pessoas ligadas ao objeto em estudo.

³ Pesquisadora em História oral na Universidade Federal do Tocantins orienta seus acadêmicos no método e na metodologia da História Oral, obras de destaque em HO: SANTOS, J. S. **O sonho de uma geração: o movimento estudantil Goiás e Tocantins.** Goiânia: Ed. UCG, 2007; SANTOS, J. S. **A sedução da imagem: a televisão no limiar do Tocantins.** Palmas, TO. EDUFT, 2015.

As abordagens e as discussões que o autor apresenta trata da descrição de trabalhos em HO e, também, de como são utilizadas as gravações das entrevistas, como materiais de pesquisa. Além disso, o pesquisador mostra o formato de arquivamento e cita os trabalhos de outros autores que utilizam do método e da metodologia da HO, ressaltando que, para ele, a HO vai além das codificações metodológicas, ou seja, entrelaçam com o papel do historiador e do pesquisador em várias áreas do conhecimento. O quadro, a seguir, apresenta autores que discutem sobre a ciência de maneira geral e a respeito da História Oral.

Quadro 1 – Definições sobre Método e Metodologia, na perspectiva de alguns autores:

AUTOR	ANO/PG	MÉTODO	METODOLOGIA
PRODANOV, FREITAS	(2013)	Método científico é um conjunto de procedimentos adotados com o propósito de atingir o conhecimento. (2013, p.24); Por método, podemos entender o caminho, a forma e o modo de pensamento. É a forma de abordagem em nível de abstração dos fenômenos. É o conjunto de processos ou operações mentais empregados na pesquisa (2013, p.26).	A Metodologia, em um nível aplicado, examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta e o processamento de informações, visando ao encaminhamento e à resolução de problemas e/ou questões de investigação (2013, p.14).
PORTELLI ALBERTI GUSMÃO; CRUZ THOMPSON	1997; 2004; 2005; 2004; 2005; 2006;	HO é um método privilegiado de pesquisa.	HO pode ser compreendida como uma metodologia de pesquisa, pois direciona os passos e as etapas da pesquisa.

GARNICA; FERNANDES; SILVA.	(2011, p.231)	Não se aplica.	HO trata-se de optar por um conjunto de ações (procedimentos) que nos permita abordar/compreender algo, mas, além disso, trata-se de saber quais as potencialidades e os limites dessas ações, quais seus fundamentos e qual o terreno em que tais ações se assentam (2011, p.231).
DE SORDI	2007	Nas considerações do autor, pode-se aceitar a HO como método.	Um programa de história oral não deve ser um fim em si mesmo. Ele funciona melhor quando é um instrumento para possibilitar a construção do conhecimento histórico e, portanto, instrumento para produzir reflexão historiográfica, tanto no que se refere aos fatos e aos eventos como no que diz respeito à elaboração interpretativa.

Fonte: criado pela autora (2022).

Os autores mencionados no quadro, apresentam o método e a metodologia no processo de realização da pesquisa científica. Eles mostram que a História Oral pode ser método, ou seja, a forma de pensamento do objeto em estudo, ou pode ser metodologia, isto é, as etapas de uma pesquisa, bem como, os passos realizados na pesquisa de campo. Nesse sentido, utilizar a HO como método e metodologia em um mesmo trabalho, enriquece, estreita os laços entre pesquisador e objeto pesquisado e fortalece o alcance dos objetivos (PORTELLI, 1997; ALBERTI, 2004,2005; CRUZ, 2005; THOMPSON, 2006).

No entanto, devido à impossibilidade de abordar todos os autores que utilizam e discutem a História Oral, Morin (2020), citando Pascal, demonstra-nos que não se pode conhecer o todo, se não conhecer as partes e vice e versa. O autor nos traz grandes reflexões sobre a lição da prudência e da modéstia nas questões que dizem respeito à busca do conhecimento. Nesse sentido, é importante conhecer as bases teóricas da História Oral (HO).

Desse modo, as produções em História Oral, tanto na literatura brasileira quanto estrangeira serão aludidas por meio de diferentes autores, preferencialmente, estes, mencionados na disciplina HME do mestrado acadêmico em educação.

Joutard (1998) informa-nos que a HO surge para contrapor e opor-se à história tradicional, a partir do século XVII. Segundo ele, nos Estados Unidos, após o surgimento do gravador, a HO destaca-se entre os historiadores.

Sabe-se que “na Itália, no final dos anos de 1960, os antropólogos De Martino, Bosio e o sociólogo Ferraioli, com o objetivo de reconstruir a cultura popular, foram precursores da segunda geração de historiadores orais” (MATOS, SENNA, 2011, p. 98). Os autores Matos e Senna (2011, p. 99) reforçaram a conquista do movimento em defesa da HO, ao afirmarem que “os anos de 1980 foram propícios à história oral, quando se difundiram reuniões internacionais, criando uma verdadeira associação de Historiadores Oraís”.

A década de 90 fortaleceu ainda mais o movimento com alguns acontecimentos, tais como: a queda do muro de Berlim e os estudos stalinistas, oportunizando a exploração das fontes orais. Com isso, surge uma estruturação dentro das pesquisas em História Oral.

É compreensível as críticas à História Oral no Brasil, haja vista que, após um período de ditadura militar, como aceitar que a HO questionasse e denunciasse a história tradicional? Segundo Santos e Araújo (2007, p.4), “as vozes eram silenciadas em nome da ordem e do progresso e de uma sociedade de bem. Isso situava os trabalhos com História Oral num campo minado, já que possibilitava o emergir de vozes silenciadas”. Camargo expressa a situação vivida por pesquisadores nesse período, diferentemente da atualidade, considerando grandes nomes que referendaram a História Oral como método e metodologia de pesquisa.

Estávamos fazendo realmente uma coisa muito esquisita: estávamos entrevistando políticos da década de 1930. Nada parecia mais extravagante do que isso naqueles anos de 75, nos quais o Brasil começava a sentir que se abria uma pequena brecha de ar puro no sistema autoritário, e que a democracia talvez estivesse ao nosso alcance. (CAMARGO, 1993, p. 86).

Realmente, a HO, é um campo de possibilidades ao dar voz aos excluídos, isto é, aqueles que, na história tradicional, nunca sequer existiram, agora ganham força, apontando as brechas, confrontando, analisando e descobrindo as problemáticas que foram encobertas anteriormente, e, agora, visualizadas no campo historiográfico.

Ainda se tratando de História Oral no Brasil, deve-se destacar o papel do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC): O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas foi criado em 1973 e tem como

principais atividades a pesquisa histórica e a constituição, preservação e divulgação de um expressivo patrimônio de arquivos pessoais e de depoimentos orais de pessoas que atuaram na história brasileira posterior a 1930 (ALBERTI, 1998, p.1).

O CPDOC, apresentado por Alberti (1998, p.1), traz um referencial de pesquisa em História Oral e destaca o quantitativo de material na época: “com 3.137 horas de entrevistas gravadas, além de aproximadamente 170 horas de entrevistas doadas por outras instituições. No total são 674 entrevistas, 3.314 horas de gravação, 3.244 fitas cassete, 1.640 fitas rolo e 45 fitas de vídeo”. Atualmente, esse Centro de Pesquisa acarreta algumas mudanças, atualização e ampliação dos dados de pesquisa e possui um importante papel nas pesquisas em História Oral.

O historiador inglês Peter Burke (1992, p.194), em *Escrita da História* afirma que “a força da história oral, é a força de qualquer história metodologicamente competente” e que o testemunho oral sempre está mais próximo da fonte principal, ou seja, da verdade. Burke apresenta, em suas discussões, vários autores de renome e Vansina (1995, p.199) destaca mais um grande papel dos relatos orais, “onde não há nada, ou quase nada escrito, as tradições orais devem suportar o peso da reconstrução histórica”, ressaltando o que já foi dito, anteriormente, isto é, que a História Oral deve ser vista como um campo vasto de possibilidades.

Nesse sentido, Alberti diz: “a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento”. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe sua articulação com um “projeto de pesquisa previamente definido” (ALBERTI, 2004, p.29). É nesta questão que está a cientificidade das produções em História Oral, uma vez que o pesquisador, segundo Caldas (1999), transpondo o texto de um código para outro, atua como intérprete e, ao assumir esse papel e evidenciar seus meandros, restaura a objetividade correspondente às ciências.

Finalizando esse subitem, apresento De Sordi (2007, p.8), que fortalece e valora o trabalho da História Oral e afirma: “é metodologia complexa, praticada entre historiadores há várias décadas, e cuja experiência já se encontra razoavelmente sistematizada em inúmeras publicações e associações profissionais distribuídas pelo mundo”. O autor ressalta, ainda, que a História Oral, pelo contrário, é uma intervenção direta do historiador na produção documental, ou seja, o trabalho do autor aborda o uso da História Oral no judiciário. O diálogo com a História Oral, discutido pelos autores retrata que a História oral é método e metodologia, a serviço da pesquisa em qualquer campo do conhecimento, enfatizando que a memória fundamenta o presente na História Oral (LE GOFF, 1996).

III. ESTREITANDO OS LAÇOS COM A HISTÓRIA ORAL

A relação entre teoria e prática foi se estreitando, à medida que desenvolvia a dissertação de mestrado *Narrativas do Ensino de História*. A relação do pesquisador com seu campo de trabalho envolve conhecimento, entendimento e, muitas vezes, apresenta um contraponto entre valorização das temáticas e as dificuldades para efetivar a pesquisa. Dessa forma, como o projeto da disciplina de História, Memória e Educação, iniciamos nossa relação de troca e experiências com a História Oral.

Inicialmente, ocorreram embates com professores das outras disciplinas do curso de mestrado. Talvez por não terem conhecimento desta metodologia de pesquisa, ainda pouco difundida nos cursos de Pedagogia. Por isso, foi preciso utilizar um repertório considerável de argumentos com alegações propositivas em relação ao uso da HO na produção de trabalhos, artigos e relatos. Nessa jornada inicial, deparei-me com uma descoberta histórica, a Academia, que pode ser comparada a um grande latifundiário, porque possui terras que não são cuidadas, mas aquelas terras, mesmo inúteis, são consideradas propriedades importantes e não podem ser exploradas por outros grupos. Essa Academia demonstra ser a proprietária do conhecimento, entretanto, a ciência nasceu para todos. Nesse viés, percebeu-se que há um campo de disputas, veladas ou não, a respeito das temáticas que podem ser abordadas, o que, em muitos momentos, deixa o pesquisador iniciante desmotivado quando se depara com esse cenário competitivo.

Entretanto, mesmo diante de tantos desafios, fiz trabalhos e pesquisas no campo da história oral e que culminou com a defesa da dissertação de mestrado. Sabemos que há coisas que aprendemos por intuição, observação e outras a partir das experiências negativas e positivas. Ademais, não posso deixar de destacar a Dra Daniela Ado Maldonado, co-orientadora que com paciência e determinação colaborou com minha jornada acadêmica.

Após as leituras básicas sobre a História Oral, formulei o projeto sobre o Plano de Estudo da 3ª série do Curso Técnico em Agropecuária na Escola Família Agrícola de Porto Nacional, Tocantins. Já havia realizado várias visitas à Instituição e, portanto, tinha o diagnóstico da Escola quando realizei o acompanhamento pedagógico na função de técnica no primeiro semestre de 2015.

Com as leituras iniciais e aprovação do projeto na disciplina HME, iniciei a primeira etapa da pesquisa: carta de apresentação, roteiro de entrevista semiestruturado e definição dos sujeitos. Segundo Alberti (2013, p. 157), “é na realização da entrevista que se situa efetivamente o fazer da história oral; é para lá que convergem os instrumentos iniciais de implantação do projeto de pesquisa e é de lá que partem os esforços de tratamento do acervo”.

À medida em que as entrevistas eram realizadas descobriu-se que havia necessidade de revisão da literatura sobre a Pedagogia da Alternância. A pesquisa documental ao acervo da Secretaria da Escola era primordial para ter os dados sobre o histórico da escola e em especial da 3ª série do curso Técnico em Agropecuária na Escola Família Agrícola de Porto Nacional.

Como sujeitos da pesquisa, tendo em vista as perguntas a serem realizadas com roteiro semiestruturado, optou-se por 11 sujeitos: três alunos e pais, um professor, uma coordenadora, um diretor, uma auxiliar de secretaria e uma técnica em agropecuária. Nas aulas de HME, ao dialogar com colegas, explicitando a quantidade de entrevistados, percebi que gastaria muito tempo com as gravações das entrevistas.

Desconsiderei as opiniões a respeito do quantitativo de entrevistados, uma vez que o objetivo era a aproximação real com a HO e acatei o que Alberti (2004) aborda sobre o número de pessoas ligadas ao objeto em estudo. A autora afirma que quanto maior o número de pessoas que relatam sobre o objeto de estudo, mais consistente será o material sobre o qual o pesquisador debruçará na análise.

Realmente, transcrever todo o material resultou em um total de 35 páginas de entrevistas, que foram ouvidas mais de uma vez, devido às dificuldades de compreender as palavras ou as entonações, sendo um trabalho, muitas vezes, complicado. O importante foi relacionar todo o processo ao engajamento da pesquisa. O estudo foi envolvente e prazeroso. No momento da produção do artigo, a quantidade de entrevistas e a leitura do texto transcrito possibilitou o desenvolvimento de ideias e as interlocuções com as produções escritas dos autores inseridos ao longo da disciplina.

Ao finalizar as onze entrevistas, percebi que deveria ter entrevistado mais um profissional da base comum do curso. Como cita Alberti (2004, p.36), “É somente durante o trabalho de produção das entrevistas que o número de entrevistados necessários começa a se descortinar com maior clareza, [...]”.

É importante enfatizar que houve a necessidade de retornar várias vezes ao local em que se encontravam os entrevistados. Ainda assim, nem sempre conseguia realizar as entrevistas no primeiro momento, mesmo tendo agendado.

A pesquisa requer do pesquisador tempo e dinheiro para dar prosseguimento às atividades. Percorreu-se aproximadamente, 760 quilômetros entre idas e vindas, no trajeto Palmas e Porto Nacional. Visitou-se três assentamentos, onde residiam os estudantes entrevistados e os assentamentos próximos ao município de Porto Nacional.

Seguindo os procedimentos da História Oral, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os depoentes lerem a transcrição das entrevistas, todos deram o ciente e aprovaram as transcrições. Três entrevistados mandaram o aceite através do endereço eletrônico e os demais leram a transcrição e efetuaram a aprovação depois.

Um dos procedimentos da História Oral é a utilização do caderno de registro/campo, extremamente útil para anotar as datas, horários, contexto histórico e outros detalhes que fazem parte da entrevista, como a emoção. Segundo Montysuma (2006): “Nele são anotados todos os dados que envolvem as circunstâncias da entrevista, distinguindo particularmente as pessoas que relata. As atenções do entrevistador são voltadas para perceber e registrar informações relativas às expressões faciais e corporais apresentadas pelas pessoas quando se manifestam” (MONTYSUMA (2006, p.124).

Quanto ao caderno registro/campo, percebeu-se que não foi utilizado de forma correta. Ora realizava a gravação e ora o registro no caderno. Entendeu-se que uma equipe é fundamental para que um membro grave a entrevista, outro fotografe e outro faça o registro no caderno de campo. Reforço que o pesquisador em HO, deve ter financiamento, uma equipe de estudantes e disponibilidade de tempo. Portanto, algumas observações da pesquisa foram realizadas a posteriori. Relatar o percurso da pesquisa, os erros e acertos são essenciais para o amadurecimento do pesquisador.

Na realização da pesquisa, a aplicação do método influencia muito o pesquisador e o entrevistado. Cria-

se um grande envolvimento, na medida em que os entrevistados buscam suas memórias para tratar do assunto. Vários momentos foram carregados de emoção. Destaco o depoimento do Diretor Ozéias Neres de Cerqueira, que foi aluno da instituição, técnico e, no período da pesquisa, atuava como diretor (2016). Ele, emocionado, lembrou do dia em que chegou à Escola Família Agrícola - EFA para estudar, a forma que entrou na EFA, o atendimento que recebeu e as memórias de seu pai. A emoção tomou conta, para ele, a educação ofertada pela Escola Família Agrícola mudou sua vida. Como diretor da Escola, a educação transformou a vida de jovens que vivem em assentamentos e precisam do conhecimento técnico para melhorar sua propriedade.

Realizei outras pesquisas na metodologia da História Oral. Tenho arquivado todos os documentos, as comprovações das entrevistas, as gravações em CDs, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), devidamente assinados, os termos de aprovação da mesma forma e todo material encadernado para apreciação de qualquer pessoa.

As outras pesquisas em HO ocorreram na Escola E. Vale do Sol sobre o Ensino de História. Fiquei empolgada e pesquisei sobre o estudante deficiente visual na Universidade Federal do Tocantins. Para a confecção da dissertação, fez-se a pesquisa em seis (6) unidades de ensino da rede estadual de Palmas, entrevistou-se sete professores que atuavam no ensino de história e 21 estudantes do 9º ano do ensino fundamental com a temática do ensino de história. O Manual de História Oral de Sordi (2007) ensina a criar instrumentos para a organização das entrevistas, catalogação e gravação. O primeiro instrumento é a ficha de catalogação, conforme exemplo abaixo:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Sala 24, Bloco 3 | Plano Diretor
Norte | 77001-090 | Palmas/TO | | (63) 3232-8201 | www.uft.edu.br |
ppgedu@uft.edu.br

Formulário de registro – entrevista com professores

1. Entrevista Nº: 01 /2017

História de Vida (HV) () 1.2 História Temática (HT) (X)

Tema da pesquisa: Ensino de História

Projeto de pesquisa: MEMÓRIAS DO ENSINO DE HISTÓRIA: docentes e discentes das escolas estaduais de Palmas/Tocantins.

Responsável pelo projeto de pesquisa: Maria de Lourdes Leôncio Macedo.

Curso: Mestrado em Educação-UFT.

Orientadora: Dra. Jocyléia Santana dos Santos.

2. Dados Pessoais do entrevistado

Nome: JOSÉ GONÇALO MENDES DA SILVA

Assinou o TCLE: (X)Sim ()Não	2.4 Sexo: Masculino (X)Feminino ()
Data de Nascimento: 10/01/1974	2.6 Endereço residencial: Resideem Palmas.
2.5 Trabalha na U.E. há 06 anos	
2.7 Graduação: Graduado em História e Artes pela UFT-TO	
3 Dados da Unidade de Ensino	
Unidade de Ensino: Colégio Estadual Dom Alano Mary Du Noday. Palmas-Tocantins	
Nome do Diretor (a): Devanir D. Borges de Oliveira	
Endereço: 208 SUL, Área Institucional 08, AV NS 06 Plano- Palmas -TO.	
Modalidade de atendimento: Ensino Fundamental (6º ao 9º) e Ensino Médio regular-Atende nos turnos: manhã, tarde e noite.	
Número de alunos atendidos em 2017: 794	
4 Dados do Conteúdo da Entrevista	
Palavras-chave: Amor. Ensino de História. Indisciplina	
Resumo: O professor tem duas graduações, produziu um livro sobre os quilombolas. Atua na escola há mais de seis anos, tem experiência de atuação na Rede particular. Afirma que os alunos gostam da disciplina de história, mas solicita maior empenho da família na formação dos alunos, pois considera que a indisciplina é o grande problema do prejuízo no processo de ensino e aprendizagem.	
5 Dados Técnicos Entrevista	
Data da entrevista: 25/04/2017	
Local: Escola	
Duração: 26 minutos	
Nº de gravações: 01	
Responsável pela pesquisa e elaboração do roteiro: Maria de Lourdes Leôncio Macedo	
Entrevistador (1): Maria de Lourdes L. Macedo	
Responsável pela transcrição (se houver): Maria de Lourdes Leôncio Macedo	
Data da transcrição: 28/04/2017	
Responsável pela edição de texto: Maria de Lourdes Leôncio Macedo	
Data de assinatura do TCLE: 25/04/2017	
Data da aprovação da transcrição: 04/05/2017	
Número de páginas: 05	

Fonte: arquivo pessoal da autora, pesquisa de mestrado (2017).

Por mais que leia e compre livros sobre a metodologia da História Oral, percebe-se que o verdadeiro aprendizado se dá na realização de entrevistas, ou seja, na pesquisa de campo. Sobre a pesquisa na EFA de Porto Nacional, produzi um artigo para a disciplina, publiquei outro na Revista Observatório, participei de seminários e, ainda, possuo muitos dados, apontamentos e entrevistas que poderão ser explorados em outros artigos. A dissertação de mestrado foi um divisor de águas. Publiquei o resultado em formato de livro pela Editora Nagô com o título de *Narrativas do ensino de história: vozes docentes e discentes das escolas estaduais em Palmas - TO*. Segundo Thompson (1998, p.337), “a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras” e não há aprendizado maior do que a destacada pelo autor.

A aproximação com a história oral, se transformou em compromisso com a releitura das fontes, dos entrevistados, da vida dos sujeitos que circundam os objetos pesquisados.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando passei na seleção de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação e comecei a trilhar o caminho de pesquisa, fui alertada de que precisaria, submeter o projeto ao Comitê de Ética da Universidade. Esta obrigação está ligada as fontes orais que escolhi como imprescindíveis para o desenvolvimento da pesquisa. A partir daí, foi dada início a cruzada para conquistar a aprovação do projeto junto ao Conselho de Ética, geralmente com normativas próprias das ciências da saúde.

Em 2015, eventos regionais da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) abriram espaço para a discussão sobre a questão da ética nas Ciências Humanas, como aconteceu em Parintins (AM), em Salvador (BA) e em Niterói (RJ) (ABHO, 2015a, 2015b). No mesmo ano, a diretoria da ABHO enviou suas sugestões à consulta pública destinada a avaliar a minuta da nova resolução Conselho Nacional de Saúde (CNS), redigida pelo GT CHS, e conclamou seus/suas associados/as a participarem dela. Alguns dos pontos defendidos pela ABHO em sua contribuição à consulta pública foram contemplados na resolução CNS 510/2016: a menção à Lei de Acesso à Informação (Brasil, 18 nov. 2011), a possibilidade de identificação dos/as entrevistados/as, a opção de registrar o consentimento verbalmente, o compromisso de elaboração de formulário próprio para a submissão de projetos das ciências humanas e sociais na Plataforma Brasil (portal pelo qual os projetos são encaminhados à Conep e

distribuídos aos CEPs) e a menção à composição equitativa da Conep. Não foi contemplada a demanda referente à exclusão dos trabalhos de conclusão de curso de graduação (TCCs) da avaliação pelos CEPs.

A questão da previsão e gradação dos riscos que as pesquisas poderiam gerar aos/as participantes não foi tratada na resolução. Pode-se dizer que a resolução CNS 510/2016 representou avanços em relação à 466/2012. Ela não menciona a palavra “bioética”, inicia como registro dos pressupostos próprios que baseiam a pesquisa nas ciências humanas e sociais, não com princípios gerais que deveriam ser observados em toda e qualquer pesquisa. Com base em tais princípios, o artigo nono trata dos direitos dos/as participantes, os quais cito textualmente: I – ser informado sobre a pesquisa; II – desistir a qualquer momento de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo; III – ter sua privacidade respeitada; IV – ter garantida a confidencialidade das informações pessoais; V – decidir se sua identidade será divulgada e quais são, entre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública; VI – ser indenizado pelo dano decorrente da pesquisa, nos termos da Lei; e VII – o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa (Brasil, 24 maio 2016). Pretende demonstrar as diferentes maneiras de lidar com as imposições estranhas à área, revelar estratégias de ação colocadas em prática e destacar questões centrais para o trabalho responsável com história oral. O espírito que anima a escrita é o de repensar as próprias experiências e de aprender com as alheias

É de fundamental importância relatar que o Comitê de Ética em Pesquisa de algumas Instituições Educacionais ainda estão na contramão da História Oral, pois, segundo as diretrizes estabelecidas por esse Órgão não se deve identificar os entrevistados. Conforme os documentos aludidos das principais associações brasileiras, a HO precisa dar voz aos entrevistados e os identificar. Portanto, necessitam ser analisadas e emitidas novas resoluções sobre a ética nas Ciências Humanas ainda inexistentes nos mais variados comitês brasileiros.

A História Oral é um método e uma metodologia que por ter surgido no pós-guerra, período de denúncia de massacres humanitários e ter dado voz aos judeus perseguidos pelo Nazismo e do Holocausto, tem como lema nomear os sujeitos que queiram falar através dos depoimentos. A HO é um campo de resistência para aqueles que não tem medo de dar nomes, contar fatos históricos vivenciados. Para discentes e docentes é resistir contra aqueles que querem calar a boca dos que lutam por uma educação igualitária, pública e gratuita. Que desejam uma história crítica para todos os cidadãos brasileiros.

REFERÊNCIAS

- [1]. ALBERTI, Verena. **O acervo de história oral do CPDOC: trajetória de sua constituição**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1998.
- [2]. ALBERTI, Verena. **Ouvir e Contar: Textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- [3]. ALBERTI, Verena. **Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.
- [4]. ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed ver. Atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- [5]. BOM MEIHY, José Carlos. **Manual de história oral**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- [6]. BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. Tradução Magda Lopes. São Paulo-UNESP, 1992.
- [7]. CALDAS, A. L. **Oralidade, texto e história: para ler a história oral**. São Paulo: Loyola, 1999.
- [8]. CAMARGO, Aspásia. História oral e política. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.).
- [9]. **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993. p.75-99.
- [10]. CARTA de princípios éticos – Anpuh Brasil. Anpuh – Associação Nacional de História, maio 2015. Disponível em:
- [11]. <https://anpuh.org.br/index.php/2015-01-20-00-01-55/noticias2/noticiasdestaque/item/2902-carta-de-principios-eticos-anpuh-brasil>. Acesso em: 6 jul. 2020.
- [12]. CHARLOT, Bernad. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradução Bruno Magne – Porto Alegre: Artes médicas Sul, 2000.
- [13]. CRUZ, José Vieira da. **O uso metodológico da história oral: um caminho para pesquisa histórica** 1 in: Fragmenta. Aracaju: UNIT, 2005.
- [14]. DE SORDI, Neide Alves Dias. **Manual de procedimentos do Programa de História Oral da Justiça Federal** / Neide Alves Dias De Sordi; Gunter Axt; Paulo Rosemberg Prata da Fonseca. – Brasília: Conselho da Justiça Federal, 2007.
- [15]. GARNICA, A. V. M; FERNANDES, D. N; SILVA, H. da. **Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral**. Bolema-Mathematics Education Bulletin, p. 213-250, 2011.
- [16]. GUSMÃO, E. M. **Memórias de quem ensina história: cultura e identidade docente**. São Paulo: UNESP, 2004.
- [17]. ICHIKAWA, Elisa Yoshie.; SANTOS Lucy Woellner dos. **Vozes da História: Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional**. Anais do Encontro Nacional da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Administração. São Paulo, 2003.

- [18]. JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- [19]. KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**/ Allan Kardec: tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, São Paulo, IDE, 154ª edição, 2004.
- [20]. LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996
- [21]. MATOS, Júlia S.; SENNA, Adriana K. de. **HISTÓRIA ORAL COMO FONTE: problemase métodos**. *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.
- [22]. MENESES, Sônia. **A história midiaticizada: os desafios colocados por um novo idioma histórico entre a mídia, a memória e a história**. Anais: X Encontro Nacional de História Oral. Testemunhos: História e Política. UFPE. Recife, 2010.
- [23]. MORIN, Edgar. **Da necessidade de um pensamento complexo**. tradução Juremir Machadoda Silva – Para navegar no século XXI – Tecnologias do Imaginário e Cibercultura, 2020.
- [24]. MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. **Um encontro com as fontes em História Oral**.
- [25]. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXII, n. 1, junho 2006.
- [26]. PINO, A. S. As marcas do humano: pistas para o conhecimento da nossa identidade pessoal. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 39, n.º. 142, p. 227- 236, jan.-mar., 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v39n142/1678-4626-es-39-142-227.pdf> Acesso em: 27/04/2022.
- [27]. PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História Oral diferente?** Projeto História. São Paulo, fev. 1997.
- [28]. PRODANOV, Cleber Cristiano.; FREITAS, Ernani C. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- [29]. SANTHIAGO, Ricardo. DA FONTE ORAL À HISTÓRIA ORAL: DEBATES
- [30]. SOBRE LEGITIMIDADE. **SAECULUM- Revista de História**. João Pessoa, jan/ jun. 2008.
- [31]. SANTOS, Sônia Maria dos.; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. HISTÓRIA ORAL: VOZES, NARRATIVAS E TEXTOS. **Cadernos de História da Educação** – n. 6 – jan./dez. 2007.
- [32]. THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- [33]. THOMPSON, Paul. Histórias de vida como patrimônio da humanidade. In: WOREMAN, K.; PEREIRA, J.V. **História Falada: Memória, rede e mudança social**. São Paulo. SESC, Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- [34]. VANSINA, J. **Oral Tradition as History**, Madson, Wisconsin, 1985.